

## COMENTÁRIO BÍBLICO

### 25º Domingo Comum – Ano A

20set2020

Êxodo 32,1-14; Salmo 106,7-8.19-23; Filipenses 1,21-27

S. Mateus 20,1-16

<sup>1</sup>«O reino dos céus é semelhante a um proprietário que saiu de manhã cedo para ir contratar trabalhadores para a sua vinha. <sup>2</sup>Depois de combinar com eles a paga de uma moeda de prata por dia, mandou-os para a vinha. <sup>3</sup>Às nove horas da manhã saiu novamente, viu outros trabalhadores que estavam na praça sem fazer nada <sup>4</sup>e disse-lhes: “Vão também trabalhar na minha vinha que eu vos darei o que for justo.” <sup>5</sup>E eles foram. Voltou a sair ao meio-dia, e às três horas da tarde, e fez o mesmo. <sup>6</sup>Saiu ainda mais uma vez, por volta das cinco da tarde, e encontrou na praça mais alguns homens desocupados e perguntou-lhes: “Por que é que estão aí todo o dia sem fazer nada?” <sup>7</sup>Eles responderam: “É que ninguém nos contratou.” Então o proprietário disse-lhes: “Vão também para a minha vinha.”

<sup>8</sup>Ao cair da noite, o dono da vinha ordenou ao feitor: “Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos que eu contratei e acabando nos primeiros.” <sup>9</sup>Vieram os homens que começaram o trabalho por volta das cinco da tarde e receberam uma moeda de prata cada um. <sup>10</sup>Quando chegou a vez dos primeiros contratados, julgavam eles que haviam de receber mais. Mas receberam também uma moeda de prata cada um. <sup>11</sup>Ao receberem o dinheiro, começaram a resmungar contra o proprietário: <sup>12</sup>“Estes últimos só trabalharam uma hora e estás a pagar-lhes tanto como a nós que aguentámos o dia inteiro a trabalhar debaixo de sol!” <sup>13</sup>Então o dono da vinha dirigiu-se a um deles: “Olha amigo, não estou a ser injusto contigo. O salário que combinámos não foi uma moeda de prata?” <sup>14</sup>Toma lá o que é teu e vai-te embora, pois eu quero dar a este último tanto como a ti. <sup>15</sup>Não tenho eu o direito de fazer o que quero com o que é meu? Ou tu vês com inveja o facto de eu estar a ser generoso?”»

<sup>16</sup>Concluiu Jesus: «Deste modo, os últimos hão-de ser os primeiros e os primeiros serão os últimos.»

1. «O reino dos céus é semelhante a...». Falar do Reino a quem está longe da sua textura e enquadramento é como “entrar num campo minado”, expõe ao risco e ao conflito. É que o Reino apresentado por Jesus estava fora das expectativas dos judeus daquele tempo, como está nas da nossa sociedade de hoje. Para Jesus, o Reino tem como fundamento a prática da justiça, que deve ser cumprida na íntegra. E esta, a justiça, que leva ao Reino deve ser superior a tudo o que vemos e ouvimos: “se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus” (S. Mateus 5, 20). Na verdade, Jesus, vendo que a prática da justiça dos Judeus do seu tempo não coincidia com a justiça de Deus, redireciona a justiça, colocando-a como caminho que conduz à realidade última que é o Reino de Deus: “buscai em primeiro lugar o seu reino e a sua justiça (...)” (S. Mateus 6,33). Por isso, o Reino exige conversão (S. Mateus 3,8.11). Então, encaremos a parábola do Evangelho de hoje nesta perspetiva.

## 2. Analisemos em detalhe.

O dono da vinha foi contratar pessoal para trabalhar na vinha. E fê-lo por um denário (moeda de prata) diário para cada um. Contrata por diversas vezes em diferentes horas da jornada de trabalho e promete-lhes pagar «*o que for justo*». O denário era o salário diário que, dizem alguns exegetas, tinha por finalidade cobrir todas as necessidades do trabalhador, e, por isso, era pago no final da jornada de trabalho (ver Deuteronomio 24,15; Levítico 19,13).

A realidade laboral daquele tempo com trabalhadores à esquina da praça, esperando ser chamados para trabalhar nas vinhas porque «*ninguém nos contratou*». Ontem, como hoje, o desemprego como chaga social. “*Não há vaga*”, é uma expressão que destabiliza intimamente quem quer que procura emprego e vê no exercício da sua profissão algo que dá sentido à sua vida. Além disso, é uma expressão de ‘perda’, do rendimento necessário ao sustento do próprio e seus familiares, e do ‘lugar’ no contexto social a que o desempregado pertence. Um rude golpe na vida de qualquer ser humano que pode ter por consequência extrema a pobreza. E esta é um tema que percorre toda a Escritura e que nos permite chegar de certo modo às profundezas de Deus.

O momento do pagamento do salário. A reclamação dos trabalhadores, pois, não era justo que, tendo trabalhado o dia inteiro, recebessem o mesmo que receberam os que trabalharam apenas uma hora. A questão do salário igual para trabalho igual. Mas o patrão ordenou: *paga-lhes o salário, começando pelos últimos que eu contratei e acabando nos primeiros*». Ou seja, o pagamento igual para diferentes tempos de trabalho, começando pelos últimos. Não é a mera defesa da valoração igualitária do trabalho, antes, a defesa da dignidade humana. A justiça de Deus firmada na misericórdia e no Seu olhar pastoral perante as distintas necessidades das suas criaturas: «*Não tenho eu o direito de fazer o que quero com o que é meu?*». E começou pelos últimos, por aqueles que por razões sem razão são excluídos, marginalizados, esquecidos, sem voz nem capacidade de reclamação. Ora, formatados para a equidade na aplicação da justiça, em função do que medimos ou valem, confessemos como nos é tão difícil ‘compreender’ e ‘aceitar’ o modo divino de proceder.

3. Jesus concluiu: «*Deste modo, os últimos hão-de ser os primeiros e os primeiros serão os últimos*». Que alteração tão radical. Jesus baralha as medidas convencionais com que nos compartimentamos. Os primeiros – os melhores, os mais aptos, os mais capacitados, os mais ilustres, os mais importantes – numa escala de valor que socialmente aceitamos e usamos para julgar os outros; os últimos – os pobres, os ignorantes, os incapazes, os doentes e agora os velhos. Para Deus tal classificação não tem sentido, pois, somos todos Suas criaturas e vivemos numa mesma aldeia global. E o Seu cuidado e atenção acresce à medida que a sociedade nos vai desqualificando ou esquecendo. É esta a justiça de Deus.

*“Pai celestial, (...) abre os nossos olhos para as carências dos outros e dá-nos o desejo de neles Te servirmos”* – da Oração própria para este Domingo.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana